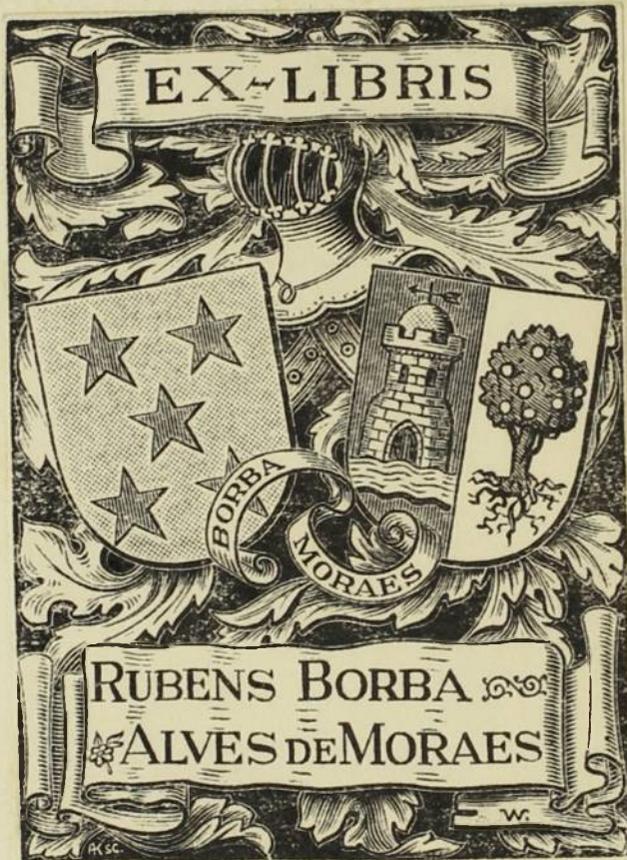


Monsieur, contre leur nommer et recevoir  
tous avocats et avoués, plaider, composer  
transiger, obtenir tous jugemens et arrêts  
les faire exécuter par toute voie et moyen  
de droit, faire procéder à toute saisie et à  
appropriation forcée, composer à toute sai-  
~~se~~ ~~sur~~ vente sur publications volontaires  
provoquer tous ordres et contributions y pro-  
ceder, obtenir tous mandemens et Corderaux de  
collocation, Passer et signer tous actes et  
substituer, Lire domicile et généralement  
faire tout ce qui sera utile. Donn

fait et passé à Paris en l'Etude  
l'an mil huit cent trente neuf le qu-  
ze février; - En présence de M<sup>rs</sup> Louis François  
Paslet, propriétaire demeurant à Paris  
au grand boulevard numero vingt deux.

Et de M<sup>rs</sup> Antoine Mosnier, impr-  
imeur demeurant à Paris rue du grand boulevard N<sup>o</sup> 14.  
Témoin qui ont attesté parfaitement

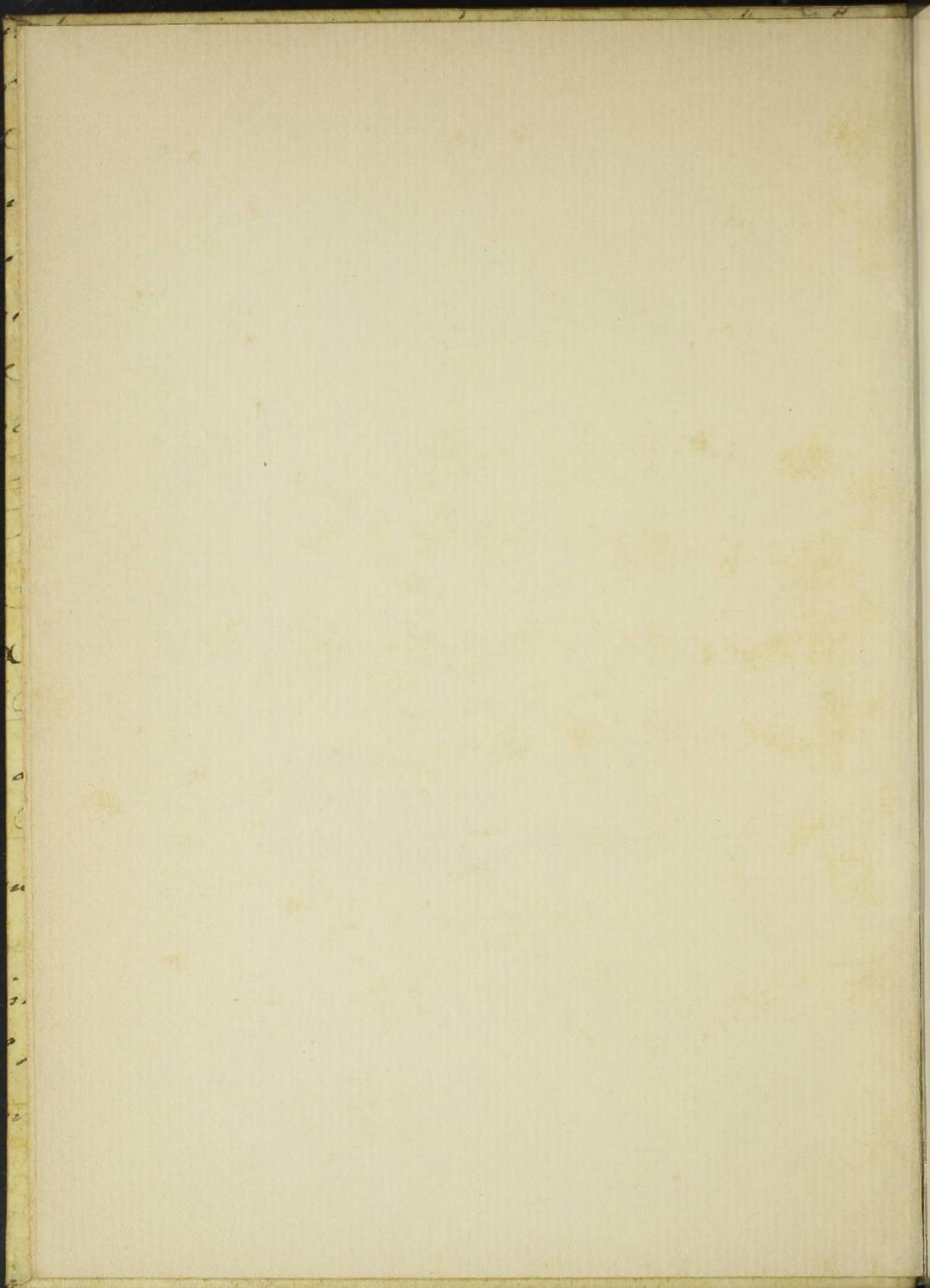


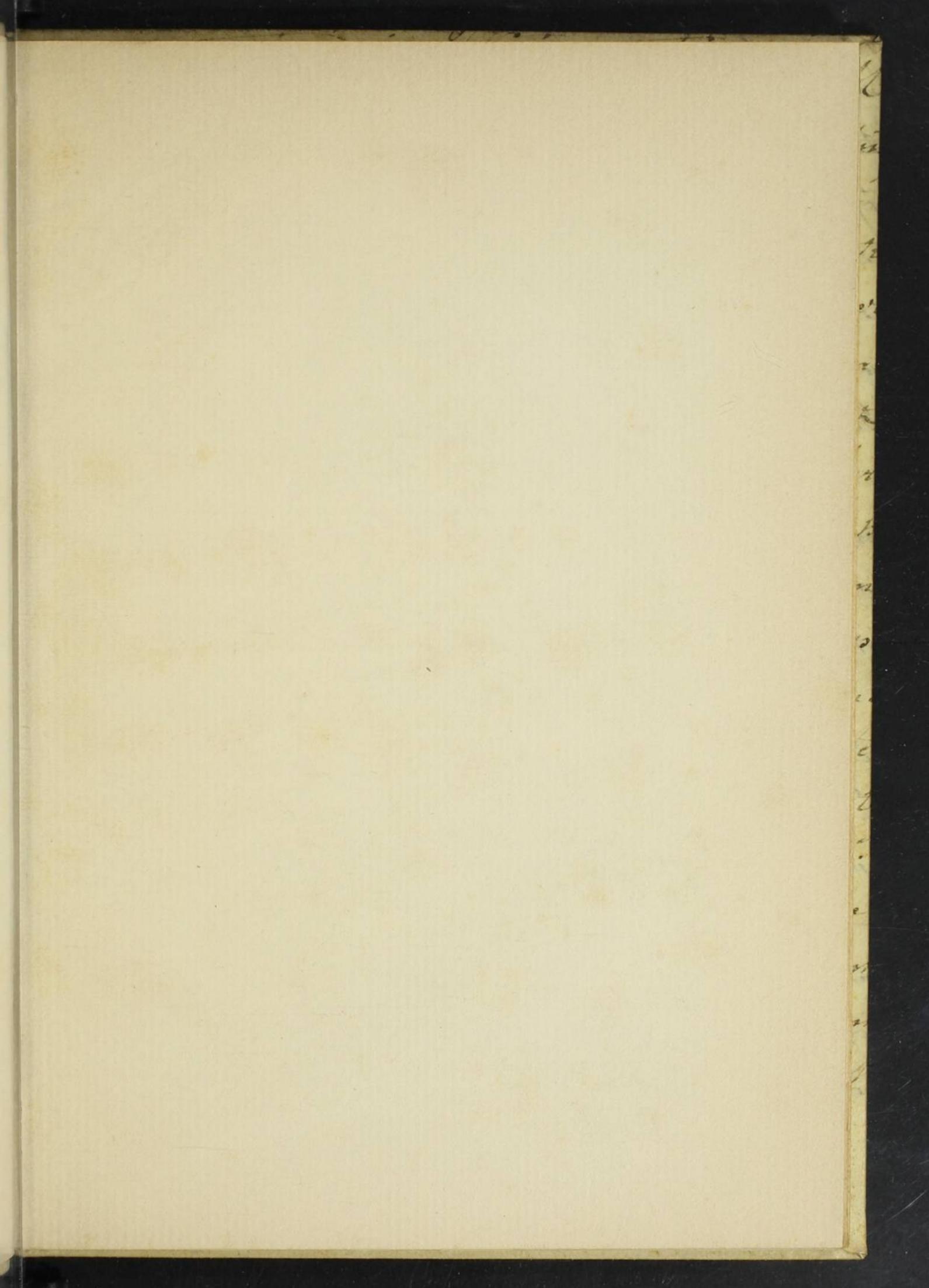


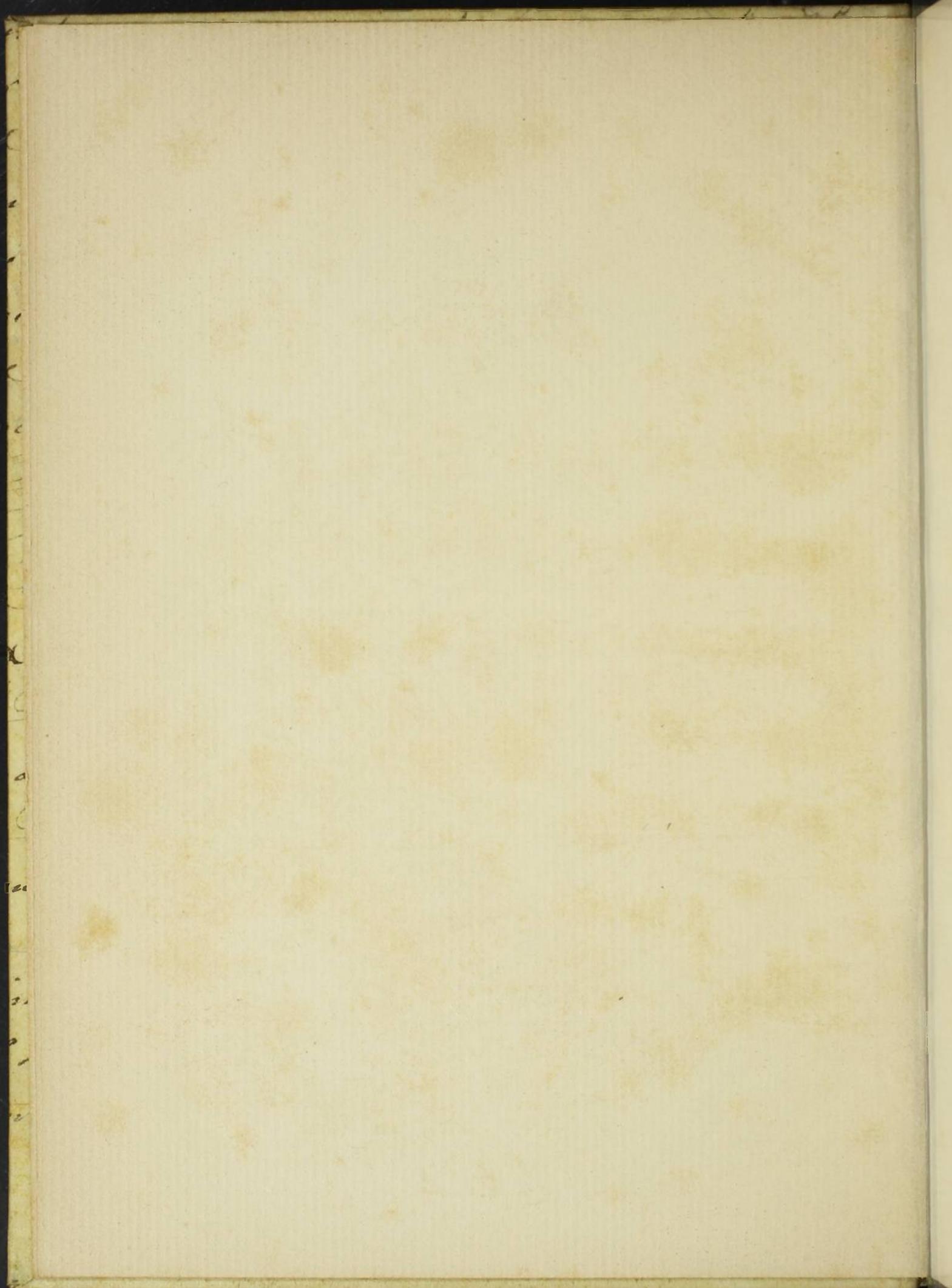
Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

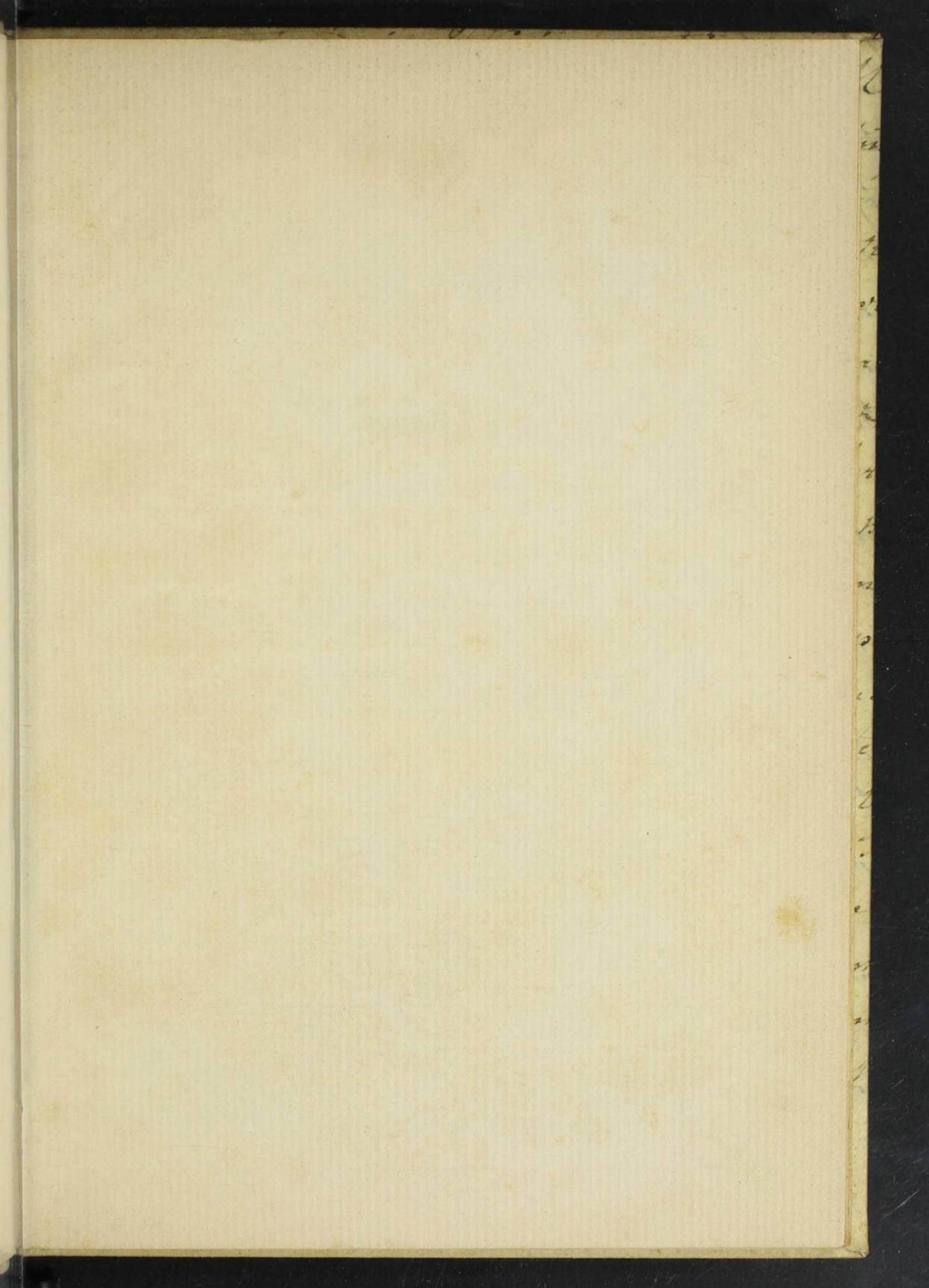
*(Montaigne, Des livres)*

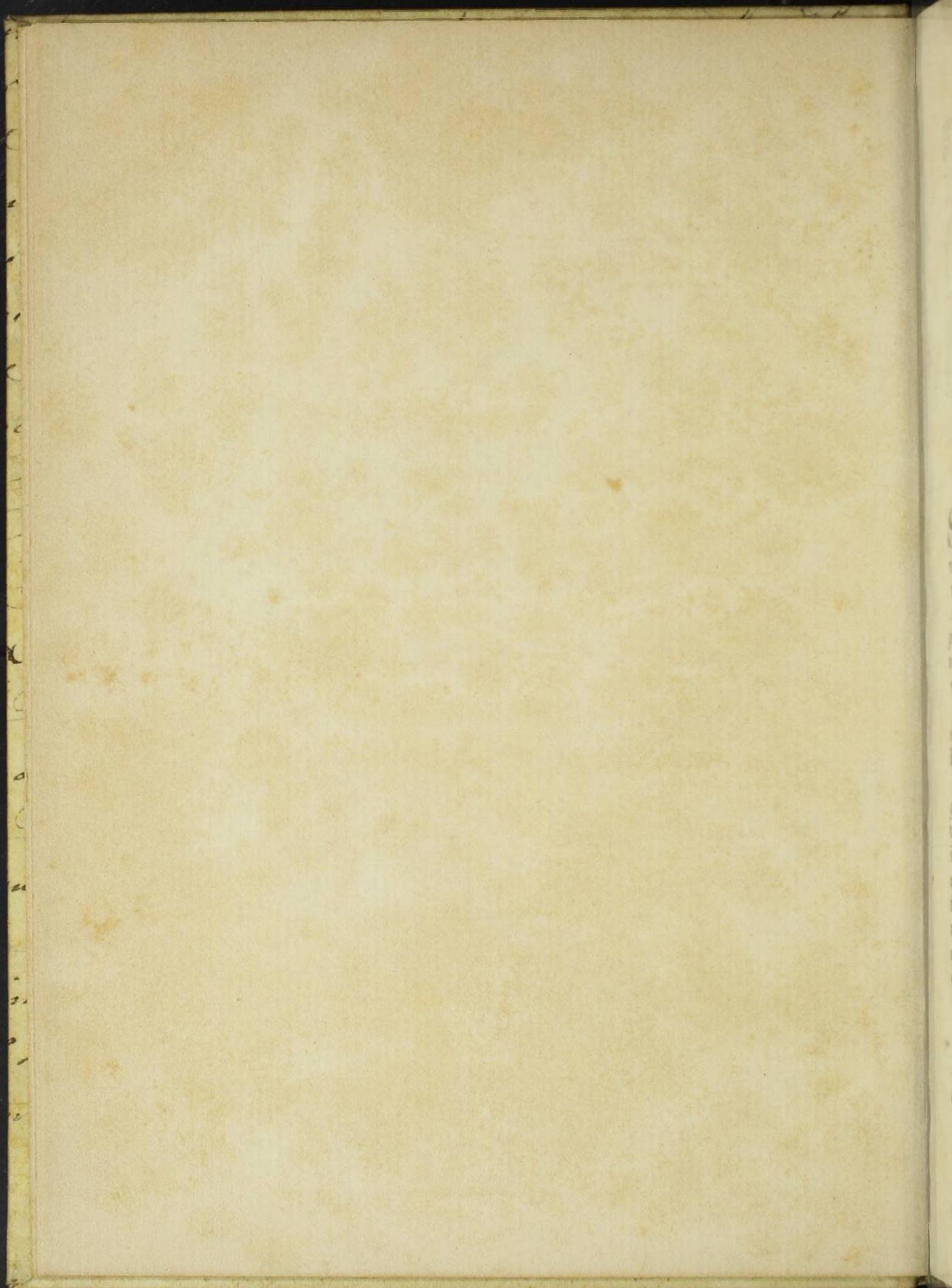
Ex Libris  
José Mindlin











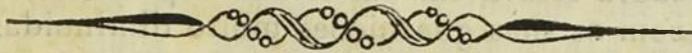
# MEMORIA HISTORICA

SOBRE

OS ULTIMOS SUCESSOS

DO

PARA'.



Sendo-me ordenado pelo Governo de S. M. F. de dirigirme, na Corveta do meu commando, á Cidade do Gran-Pará, a fim de prestar por todos os meios ao meu alcance, uma franca, generosa, e efficaz protecção á segurança individual, propriedades, e commercio dos leaes subditos de S. M. F. residentes naquella Cidade, e Provincia, que se achavam expostos ao furor, e perseguições d'uma populaça rebelde, e vingativa, conservando-me sempre em uma attitude respeitavel, sem comtudo faltar ao respeito devido ao governo do Sr. D. Pedro 2.º, nem involver-me directa, ou indirectamente nos partidos, e dissensões populares, empregando a mais circunspec-ta reflexão em não ultrapassar os limites de uma bem entendida protecção, limitada aos subditos de S. M. F., e ao interesse publico, não devendo comtudo negar o abrigo, e acolhimento, a que tem direito os subditos de nações amigas; fiz-me á vella desta Cidade no dia 15 d'Abril do corrente anno. No dia 12 de Maio dei fundo em frente da barra da Cidade de S. Luiz do Maranhão, para tomar informações do estado do Pará, e de tudo o mais, que podesse concorrer para o bom desempenho da minha commissão. Aquella Provincia estava perfeitamente tranquilla, e não apresentava nem os mais leves simpthomas d'inquietação. A Corveta foi muito bem acolhida, e eu recebi o mais obsequioso tratamento tanto das autoridades Brasileiras, como de todos os individuos quer Brasileiros, quer Portuguezes; foram-me offerecidos di-  
nheiros, e tudo quanto precisasse, mesmo sem premios, ou

cambios, pois que o governo de S. M. F. gozava alli do melhor credito, e da mais alta reputação. Alísoubes que a Cidade, e Provincia do Gran-Pará estava ainda dominada pelo governo rebelde, e que dias antes tinha partido para aquelle porto a Fragata Imperatriz de 50, para se unir ás mais forças maritimas, que alli se achavam estacionadas, para fazer entrar de posse do Governo o Presidente legal, recorrendo mesmo á força se necessario fosse. No dia 28 de Maio deixei o Maranhão, e no dia 31 ancorei na Bahia de S. José, no Pará, onde encontrei fundeada toda a Esquadra Brasileira, que sendo mal succedida no desembarque que tentára fazer no dia 12 de Maio, se viu obrigada a deixar o porto, e ir buscar aquella paragem.

A Esquadra estava em um estado deploravel; sem mantimentos, com as suas guarnições muito diminuidas, e essas pouco disciplinadas; sem medicamentos para os muitos feridos que tinha na Ilha da Tetuoca, e em fim falta de tudo, e esperando somente socorros da Villa de *Camutá* a 14 leguas de distancia, até que chegasse uma expedição que tinha já partido do Rio de Janeiro com tropas, e mais navios de guerra. No dia 1.º de Junho fiz-me á vella daquella Bahia, e fui ancorar em frente da Cidade, e proximo ás embarcações de guerra Inglezas, e Francezas, que alli se achavam estacionadas para proteger o seu Commercio. Fui optimamente recebido pelo governo rebelde, que me mandou fazer todos os offercimentos, e assegurar-me que os subditos de S. M. F., e suas propriedades seriam sempre respeitadas. Uma grande parte dos Portuguezes tinham abandonado as suas casas; uns achavam-se a bordo da Esquadra Brasileira, e a maior parte delles dos navios de commercio das diferentes nações; confiados na protecção da Corveta, e vendo a maneira obsequiosa, com que eu era tratado pelo governo rebelde, recolheram-se ás suas casas, e nem um só delles foi mais incommodado em cousa alguma, durante o governo rebelde. Assim mesmo eu conservava-me sempre em uma attitude respeitavel; mui poucas pessoas da minha guarnição desciam á terra, a não ser para cousa muito necessaria. Tornando-se indubitavel a vinda da expedição Brasileira, e que já se achava no Maranhão, os rebeldes principiaram a preparar-se para resistir-lhe; então os Portuguezes, e mesmo Brasileiros deixaram as suas casas, e vieram para o mar acolher-se debaixo da protecção da Corveta do meu commando. Os navios do commercio das nações, que não tinham alli vasos de guer-

ra, vieram igualmente buscar a minha protecção, e ancorar proximo da Corveta. A fome começava a sentir-se na Cidade, a apparecer a anarchia, até que no dia 19 de Junho constou que a expedição Brasileira tinha já ancorado na Bahia de S. José, trazendo a seu bordo 2, ou 3 mil homens de desembarque. Assim mesmo os rebeldes não desanimavam, e preparavam-se para toda a qualidade de resistencia. A população armada, isto é, os Tapuios tentavam um saque geral; mas o Presidente rebelde não o consentiu jámais, e até por que elle sabia que no caso de se verificar que eu, e os Commandantes Francezes, e Inglezes tinhamos accordado em fazer descer á terra as nossas guarnições, e defender as propriedades dos subditos das mesmas Nações, e as suas pessoas.

A Esquadra Brasileira saiu o rio no dia 20 e ancorou proximo da Cidade: a tempo que esta estava já quasi deserta: todos vieram procurar o abrigo da Corveta, inclusivè os mesmos Brasileiros: a todos prestei generosa protecção, tratando de suavizar, quanto me era possivel, todos os seus incommodos. Os rebeldes ignorando o numero de tropa, de que se compunha a Expedição, fizeram saber ao Presidente legal, que não duvidariam entregar o governo, debaixo de certas condições; o Presidente aproveitou esta occasião, enco-brindo sempre o n.º da tropa, que não chegava a mais de mil homens, que tinha podido colher no Maranhão, pois que do Rio de Janeiro apenas tinha recebido 7 soldados, e um official inferior. As negociações duraram desde 20 de Junho até 24, sem nada se concluir, porque de parte a parte não havia nem boa fé, nem confiança. A inquietação na Cidade progredia, e esperava-se a todo o momento que principiassè a anarchia; porém na noute de 24, pela meia noute, chegou a meu bordo o Secretario do governo rebelde, a pedir-me protecção a bordo da minha Corveta, porque elle, como *Ministro de um Deus* de paz, (dizia elle) não queria concorrer para fazer derramar o sangue Brasileiro: acolhi-o, como era meu dever, com toda a delicadeza, e sabendo que elle tinha uma grande influencia sobre os rebeldes, pude persuadi-lo a que lhe escrevesse, e fizesse tudo para que elles entregassem o governo sem derramamento de sangue. Com effeito elle cedeu ás minhas rogativas, escrevendo a todos os chefes cartas, que eu confidencialmente fiz entregar por um Guarda-Marinha meu á pessoa, que elle indicou. O resultado foi prompto, e o melhor; porque o Commandante da força armada, os das Fortalezas, e o mesmo Presidente rebelde promette-

ram consentir no desembarque da tropa, e do Presidente legal, sob a condição sómente de não largarem as armas da mão, nem serem inquietados em razão dos acontecimentos passados, até áquelle dia; e no caso de o serem, achar azilo, e protecção para as suas pessoas, a bordo da Corveta do meu Commando. O Presidente legal aceitou as condições, e resolveu desembarcar no dia seguinte 25 de Junho; o que me fez saber immediatamente, pedindo-me acompanhá-lo naquelle acto, vista a consideração, que por mim tinham os rebeldes. Assim lho prometti, bem como prometti aos chefes rebeldes de dar-lhe acolhimento a bordo da Corveta, se acaso se tentasse perseguir algum delles.

No dia 25, ás 11 horas da manhã, saíu o Presidente de bordo da Fragata *Campista*, acompanhado por alguns Escalares com tropa, e marinhagem armada, e esta saída foi annunciada por uma salva d'artilheria. Immediatamente larguei de bordo com a maior parte dos meus officiaes, em 3 Escaleres, levando todos arvorada a bandeira Nacional, e fui sair ao encontro do Presidente. A Corveta do meu Commando tinha a gente nas vergas, e logo que me aproximei do Escalier do Presidente, rompeu uma salva d'artilheria, que foi seguida pela dos Brigues de guerra Francezes, e Corveta Inglesa. Os rebeldes, sempre em desconfiança, estavam a postos nas Fortalezas, com os morrões accezos, e o resto da canaglia em armas. Logo que o Presidente saltou em terra, eu fiz outro tanto: os chefes rebeldes vieram immediatamente fazer-me os seus cumprimentos, e eu tomando o Presidente pelo braço, encaminhei-me repentinamente ao Palacio, onde por uma quasi surpresa fiz com que o Presidente se pozesse em estado de segurança, até tomar posse do governo, como tomou na manhã seguinte, no meio de bastante confusão; pois que os rebeldes, armados, corriam as ruas da Cidade, em um tom tão ameaçador, e insultante, que indicava só o rompimento de uma nova revolução. O Presidente conhecia bem o perigoso estado, em que se achava, mas não se atrevia a obrar, como quereria, porque não tinha forças; e neste caso julgou não ter outro meio de pacificar os rebeldes mais do que servir-se dos seus mesmos chefes. Estes hypocritamente aceitaram a Commissão, mas não fizeram mais que persuadi-los a que não deixassem as armas, e que com ellas se retirassem para o interior com algumas peças d'artilheria, que ainda tinham em seu poder, a fim de poderem um dia reunir-se em ordem, e em maior numero, para vir sobre a Cidade, visto

que tinham conhecido a fraqueza das forças do Presidente, e a falta de meios, para sustentar-se no seu logar.

A Cidade estava em uma terrivel agitação, e a maior parte dos Portuguezes, e mesmo Brasileiros achavam-se todos no mar, sem se atreverem a ir á terra, pois que a canalha se mostrava cada vez mais desenfriada. Com tudo nem um só Portuguez foi insultado, e pela guarnição da minha Corveta houve sempre muito maior respeito, e consideração do que pela dos mais de guerra Inglezes, e Francezes. Passados dous dias, ainda os rebeldes estavam senhores das Fortalezas, do trem militar, e de uma Escuna, carregada d'artilharia, armamentos, e trem de guerra; e por isso a posição da Presidencia era mui critica. No entanto elle, o Commandante da Esquadra acompanhados de alguns Chefes dos rebeldes, que elles julgavam estar unidos á sua causa, foram ás Fortalezas, e ao trem militar, e estas foram não entregues, mas abandonadas pelos rebeldes, que levaram para o interior 5 mil armas, e a Escuna, que guardava a artilheria, e petrechos de guerra.

Os Chefes dos rebeldes ficaram na Cidade, foram bem tratados pelo Presidente, e este até teve a desdita de persuadir-se que elles se interessavam pela pacificação da Provincia; de sorte que por varias vezes os encarregou de ir ao interior para ver se podiam desarmar a canalha, e esta occasião era a mais bem aproveitada por elles para dar as suas disposições, a fim de vir atacar a Cidade, e expulsar o Presidente do governo, dar o saque, que se havia promettido, e assassinar tudo que fosse branco, inclusivè o mesmo sexo feminino. Esta era a sua profissão de fé politica, e que me foi declarada por pessoa que assistiu a alguma das suas Sessões.

Já então não era desconhecido ao Presidente que elle se achava rodeado de traidores, e que dentro da Cidade havia um grande numero de gente armada, para se unir aos rebeldes, quando atacassem a Cidade. Então resolveu-se a prender alguns, e entre elles o ex-Presidente rebelde *Vinagre* por cartas, que se aprehenderam, e que lhe vinham dirigidas por seu irmão Antonio Vinagre um dos maiores faccinorosos, e o chefe dos rebeldes no interior. Além do *Vinagre*, foram presos uns 200, e conduzidos para bordo dos navios de guerra Brasileiros. Assim mesmo isto não era uma medida, que podesse obstar a aggressão, porque innumeraveis partidistas tinham os rebeldes na Cidade, e estes já mettidos em casas, e entrincheirados para romper o fogo, logo que entrassem na

Cidade, e o Presidente apenas um punhado de brancos Brasileiros, e Portuguezes adoptivos, de que formou uma Guarda Nacional, que não chegavam a 400 homens, dos quaes não poderia contar nem com ametade, no momento do perigo; e o mesmo deveria esperar desse batalhão do Maranhão, composto de 80, ou 100 homens, quasi todos gentes de côr, e por isso sem confiança.

As prizões, que se fizeram na Cidade exacerbaram muito a furia dos revoltosos, e marcharam immediatamente sobre a Villa da *Vigia*, a 10 leguas de distancia da Cidade, onde entraram assassinando tudo, e fazendo as mais horrosas crueldades. Então conheceu o Presidente que era inevitavel o ataque sobre a Cidade, e que não tendo forças para repeli-lo, lhe era necessario, em nome da humanidade, reclamar o meu auxilio, e o do Commandante da Corveta Inglesa. Para isto convocamos um Conselho, e accordamos em dar-lho, no caso d'aggressão, pois que o ataque era dirigido a todos os brancos, e por consequencia a todas as Nações, e e seus subditos.

Tomado este accordo, dei todas as providencias para que os subditos Portuguezes puzessem em cautelia suas riquezas, e indiquei-lhe o lugar, e maneira de salvarem suas vidas, a coberto da força, que eu commandava, no caso de aggressão, prohibindo-lhe com tudo de se alistarem em corpo algum militar, por isso mesmo que eram estrangeiros, e não duvidei, em uma assembléa, que convoquei em casa do Consul, ler-lhe alguns artigos das minhas instrucções, para verem qual devia ser a sua linha de conducta, para ter direito á minha protecção. Os Documentos, que acompanham este relatorio não deixam de ser muito interessantes, e por elles se conhecerá qual foi o meu comportamento militar nesta melindrosa Commissão, e a maneira porque me houve para com a Nação Brasileira, e suas autoridades.

Com effeito chegou o dia 14 d'Agosto, que será sempre de triste recordação para o Pará.

A's 10 horas da manhã deste dia principiou a tocar a rebate, e a ouvirem-se tiros ao longe; o povo correu immediatamente em multidão ao principal logar do embarque, uns lançando-se precipitadamente ao mar, e outros ás embarcações, que encontravam. A Corveta do meu commando estava fundeada em frente do mesmo embarque, e em curta distancia; então fiz subitamente largar os meus Escaleres, para salvar a gente, que fugia, e apoz elles a Lancha, as dos na-

vios Portuguezes do Commercio, que tinha junto a mim, com 80 homens da minha guarnição, tropa, e maruja, commandada pelo Tenente J. F. de Souza. As minhas ordens foram as d'occupar o logar do embarque, e praias vizinhas, e estender-se até á rua, onde morava o Consul, e onde se deviam reunir todos os Portuguezes, a fim d'embarcarem protegidos pela minha guarnição, ou sustentar esta aquella posição, pois que sustentada, não poderiam os inimigos passar ao lado do Palacio, nem fazerem-se senhores das praias, que era o seu principal intento. A minha gente appareceu em terra com a velocidade do raio, e executou a operação exactamente, como eu lhe havia ordenado, mas quando chegaram á casa do Consul, já encontraram o inimigo naquella proximidade, e entrincheirados em casas, donde faziam um vivissimo fogo. Então principiou o combate, que durou desde as 11 horas do dia até á noute, sem que o inimigo podesse avançar um só passo: tomámos-lhe 3 peças d'artilheria, e no entanto que durava o combate, salvaram-se os Portuguezes, e innumeraveis familias Brasileiras, ficando a Corveta em breves momentos cheia de centenaes de pessoas.

A' noute ordenei ao Tenente Souza que se retirasse; o que assim executou, lamentando a perda de um bravo marinheiro que morreu, tendo já tomado a 4.<sup>a</sup> peça, e restando uma só ao inimigo: tive tambem 9 feridos, que se restabeleceram em breves dias, á excepção d'um, que deixei no Hospital do Fayal. Recebi a bordo quantos feridos se me apresentaram, e todos foram tratados com o carinho, e disvello, que pedia a humanidade. A guarnição da Corveta Ingleza desceu á terra, como havia pactuado, e occupou a minha esquerda, guardando a praia por aquelle lado, e fazendo fogo sobre os que atacavam o trem militar; mas o fogo era feito de dentro d'uma casa, onde se tinham entrincheirado, e d'onde protegiam as dos principaes Negociantes Inglezes.

Chegada que foi a noute, cessou inteiramente o fogo do inimigo, e então as mesmas embarcações, durante a mesma noute, continuaram em salvar todos os que corriam ás praias.

O Presidente não aproveitou as vantagens do dia, e até pensou que o inimigo, pelo seu silencio, durante a noute, se tinha retirado, e deixado a Cidade: mas elle não fez mais que procurar as casas, que lhe pareciam mais aptas para se fortificar, e abrir communicações de umas para as outras, a fim de se aproximar do Palacio, e do trem militar; e ao amanhecer rompeu o fogo com tanta vivacidade, como no dia

antecedente. Os Inglezes nessa mesma manhãa persintiram o mau resultado da contenda para o governo legal, e retiraram-se para bordo com o Consul, e todos os mais Negociantes da sua Nação, tendo perdido um marinheiro, e ficando-lhe dous feridos. Depois disto abriu o fogo da sua artilheria contra as casas, onde os inimigos se achavam entrincheirados, e durou o fogo até ao dia 23, em que cessou, por ter já mui pouca polvora.

O inimigo pensando que a minha guarnição occupava ainda as praias, e ruas visinhas, não se atreveu a penetrar por aquelle lado, e então deu-me occasião a mandar a terra um reforço de 30 homens, com alguns Portuguezes armados, para ir salvar tudo o que estava por aquellas ruas, pertencente aos mesmos Portuguezes, como com effeito se salvou; e o mesmo se praticou com todos os que me pediam soccorro, pois eram as minhas embarcações, e a minha guarnição a só, que andava neste serviço, por espaço de 7 dias.

A Guarda Nacional Brasileira nunca saiu de Palacio; e pouco a pouco foi fugindo para o mar, levando até o armamento. Os marinheiros Inglezes da Esquadra Brasileira foram os unicos, que sustentaram o fogo contra o inimigo, durante os 9 dias do conflito, e por isso tantos foram ou mortos ou feridos. Ao 6.º dia de combate o inimigo aproximou-se tanto do Palacio, que das casas, que occupava, fazia já fogo de fuzil sobre elle, e foi neste momento que todos principiam a abandonar o Presidente, e tão covardemente, que elle se viu na necessidade de pedir-me um soccorro de 20 homens para guarda da sua pessoa. Neste caso não podendo eu dar-lhos, pelas rasões apontadas no meu officio de 22 de Agosto, em virtude do qual, e d'uma conferencia, que teve comigo o Chefe da Esquadra, se resolveu a abandonar a Cidade no dia 23, aproveitando-se do escuro da noute; o que assim praticou, salvando 200 feridos, e grande n.º de familias, que se tinham ido asilar no Palacio. Os Documentos que acompanham esta memoria darão melhores noções de toda esta catastrofe, e das suas causas.

A Historia do Pará é riquissima em crimes, e atrocidades, os Portuguezes encher-se-hão d'horror, recordando-se que desde 1823 até hoje, mais de 300 dos seus compatriotas tem sido assassinados pelos Brasileiros, e pelas gentes de côr; e se a Corveta do meu commando não estivesse naquelle porto, no momento desta ultima revolução os 400 a quem salvei a vida, teriam sido outras tantas victimas.

No dia 25 d'Agosto, pelas 10 horas da manhã, tomaram os rebeldes posse da Cidade. A Esquadra Brasileira deixando a posição, em que se achava em frente da mesma Cidade, veio ancorar proxima do logar do Pinheiro, tendo a seu bordo mais de 6 mil pessoas, fugidos ao massacre, e desgracadamente sem mantimentos mais para as sustentar do que um pouco d'arroz. O Presidente tinha destacado navios para as villas do interior a pedir soccorros, e mantimentos, e o mesmo fazia para o Maranhão, para onde devia sair no dia 23 uma Corverta de guerra.

Deixando o Pará trouxe debaixo da minha conserva, até fóra dos baixos, os navios mercantes Portuguezes, e os d'outras nações, e toquei no Fayal no dia 1.º d'Outubro, donde parti para esta Cidade no dia 3, conduzindo a meu bordo 136 emigrados; o resto vieram nos navios do commercio, e alguns foram para o Maranhão.

Tenho a consolação de poder dizer que desde que cheguei ao Pará foi a Bandeira Portugueza, e os Subditos da Rainha grandemente respeitados; e que houve sempre pela Corveta do meu Commando a maior consideração possível, como se verá por todos os officios das autoridades, que submetto ao juizo do Publico, para que possa com conhecimento de causa avaliar de minha conducta, e serviços. Bordo da Corveta Eliza, surta no Téjo aos 23 de Outubro de 1835. —

*Izidoro Francisco Guimarães.*

*da M. e G. Commandante.*

## DOCUMENTOS.

### N.º 1.

Ill.º Sr.

E' do meu dever communicar a V. S.ª que cheguei a esta Provincia, encarregado pela Regencia do Imperio, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, da Presidencia, e commando das Armas da mesma. Estou persuadido que os subditos do mesmo Augusto Senhor, que se tem afastado da

Lei, entrarão voluntariamente nos seus deveres, pela experiencia dos males que tem resultado á Patria, dos desvios della; mas no caso, não esperado, que seja preciso usar da força, serão respeitadas os subditos de todas as Nações estrangeiras, e suas propriedades, como é de justiça, tendo eu toda a certeza de que elles muito ambicionam a tranquillidade da Provincia, tão necessaria ao giro do seu commercio. E' constante que os Brasileiros perseguidos tem achado em V. S., e em todos os subditos de S. M. Fidelissima, todo o auxilio, que era de esperar de uma Nação civilisada, e philantropica, o que lhe devo agradecer, em nome do mesmo Governo, como faço. Esta occasião me facilita a de protestar a V. S.<sup>a</sup> toda a consideração, e estima. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Bordo da Fragata Campista, surta nas aguas da Cidade de Belém, vinte e um de Junho de mil oitocentos trinta e cinco. = Ill<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães, Capitão de Fragata, e Commandante da Corveta Portugueza Eliza.

(assinado) *Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 2.

Ill. mo e Ex. mo Sr.

Accuzando a recepção do Officio, que V. Ex.<sup>a</sup>, teve a bondade de dirigir-me, eu tenho primeiro que tudo a felicitar de novo a V. Ex.<sup>a</sup> pela sua vinda a este porto, pois que ella porá sem duvida termo ás desgraças desta malfadada Provincia. Quando aqui aportei, encontrei os subditos fieis do Sr. D. Pedro II. em triste abandono, e expostos ao furor de uma população desenfreada, rude, e brutal; e então fóra de outras muitas considerações, escutando só as vozes da razão, da justiça, e da humanidade, offereci aos mesmos subditos uma franca, e generosa protecção a bordo desta Corveta, para suas pessoas, e guarda daquillo, que tivessem de mais precioso. Todos accreditaram a sinceridade da minha offerta, e muitos destes vieram procurar o abrigo que lhes havia offerecido. A confiança, que elles em mim tem tido até hoje, e os agradecimentos que V. Ex.<sup>a</sup> faz a honra dar-me em Nome do Governo de Sua Magestade Imperial são-me tão lisongeiros, que nelles considero ter uma sobeja recompensa. Se os malvados anarchistas tentassem, como geralmente se dizia. levar a mais os horrores da guerra civil, eu e os commandantes das for-

ças navaes Britanicas, e Francezas, tinhamos accordado em nos oppormos do modo possivel ao nosso alcance á continuação de tantas desgraças, até que alguma autoridade legal podesse dar as convenientes providencias; porém como V. Ex.<sup>a</sup> felizmente chegou, já não podem ter logar os nossos projectos. Eu tenho toda a confiança que quasquer que sejam os acontecimentos politicos, que d'ora em diante possam ter logar nesta Provincia, os subditos de Sua Magestade Fidelissima, e suas propriedades hão de ser religiosamente respeitadas pelas forças que estão á disposição de V. Ex.<sup>a</sup>, e V. Ex.<sup>a</sup> pode tambem ter em mim a confiança que em quanto tiver a fortuna de estar nesta Provincia, não farei mais que estreitar os laços de união, e fraternidade entre as duas Nações Portugueza, e Brasileira, porque nisto não faço mais que cumprir com as ordens e instrucções do Governo de Sua Magestade Fidelissima, e com os desejos do meu proprio coração. Aproveito esta occasião para assegurar a estima, e consideração, que tenho pela pessoa de V. Ex.<sup>a</sup> e dos desejos de ver prosperar este bello, e rico paiz. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Bordo da Corveta Eliza, surta no Pará aos 22 de Junho de 1835. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel Jorge Rodrigues, Presidente, e Commandante das Armas da Provincia do Gran-Pará.

*Isidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata, e Commandante.

**N.<sup>o</sup> 3.**

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Pará em cinco de Julho de mil oitocentos e trinta e cinco. — Não me sendo possivel até agora pelos muitos afazeres que tenho tido, agradecer os obsequios que a Nação Brasileira de V. S.<sup>a</sup> tem recebido, não só pelo vivo interesse, que tomou a favor da causa da Legalidade, cooperando para a posse do Excellentissimo Presidente o Senhor Marechal Manuel Jorge Rodrigues nomeado pela Regencia do Imperio, em Nome do nosso Augusto Imperador, o Senhor Dom Pedro Segundo, como tambem por ser o unico dos officiaes Estrangeiros, que em uma crize tão arriscada, e melindroza, acompanhou o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente ao seu desembarque, o que muito captivou os bons Brasileiros, e que de tudo eu participarei ao Governo do Sr. Dom Pedro Segundo, não só para

mostrar a harmonia , que reina entre as duas nações irmãs, como também para agradecer ao Governo da Senhora Dona Maria Segunda, os Serviços, que no Pará fizeram o Sr. Commandante e Officiaes da Corveta Portugueza Eliza; e no mais Vossa Senhoria determine-me as suas ordens como quem é — De Vossa Senhoria Attencioso Venerador — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães Capitão de Fragata, e Commandante.

= assinado = *John Taylor.*

Chefe e Commandante das Forças Navaes.

## N.º 4.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

As repetidas denuncias que o Governo tem tido ácerca dos planos tenebrosos que os malvados perturbadores da ordem publica querem fazer reproduzir nesta desditosa Provincia, o tem tornado vigilante, e cauteloso; porém tendo nestes ultimos dias recebido algumas participações revestidas de toda a veracidade que bem inculcam os fins sinistros com que os desordeiros projectam anniquilar todos os elementos de associação Paraense, mui principalmente das dos brancos em geral, me vejo forçado a communicar a V. S.<sup>a</sup>, que se pretende envolver nos movimentos anarchicos, todos os pretos, com o especioso pretexto de que finda a lucta serão livres, e já em alguns pontos tem obrigado a uns, e seduzido a outros para semelhante fim, e nesta Capital onde existe o foco de seus agentes, premeditam brevemente levar a morte, e o roubo até á mais pequena choupana; em vista pois do expendido, o Governo se vê obrigado a declarar com a maior franqueza a V. S.<sup>a</sup>, que não tendo forças sufficientes para repellir a facção, nem meios para garantir a vida, e propriedades dos habitantes quer Nacionaes, como Estrangeiros, recorre a V. S.<sup>a</sup> como Representante de uma Nação das mais alliadas do Brasil, em Nome de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Segundo, haja de lhe prestar as forças, aqui existentes, de sua Nação, para que unidas ás deste Governo, se salve esta malfadada Provincia dos horrores da carnificina, e nenhuma duvida me resta, que nas circumstancias afflictivas em que me acho, pela longitude em que existe o Governo Central, encontrarei aquella protecção, e apoio que em crizes arriscadas reclama a salvação *communis*. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Pala-

cio do Governo do Pará 27 de Julho de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Gaudencio da Costa, Vice-Consul da Nação Portugueza.

(assinado) *Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 5.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Tendo agora mesmo acabado de receber um Officio do Excellentissimo Senhor Prêside desta Provincia, em que o mesmo Senhor expõe o perigo de que se acha ameaçada esta Cidade, em Nome de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Segundo, reclama para ajudar a salva-la as forças que Sua Magestade Fidelissima tem neste Paiz, como melhor V. S.<sup>a</sup> verá pela cópia, que vai inclusa; para poder responder ao dito Senhor Presidente, rogo a V. S.<sup>a</sup> haja de dizer-me quaes são os seus sentimentos a tal respeito, ou se as suas instruções lhe facilitam poder prestar o reclamado soccoro, o qual eu penso, que, a ter logar, será unicamente no caso em que appareçam os eseravos armados. Aproveito esta occasião para significar a V. S.<sup>a</sup> os meus protestos de respeito, e estima. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Vice-Consulado da Nação Portugueza no Pará, 27 de Julho de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães, Capitão da Fragata, Comandante da Corveta Eliza.

*Francisco Gaudencio da Costa.*

Vice-Consul.

## N.º 6.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Attentas as circumstancias afflictivas em que se acha o Presidente desta Provincia como elle mesmo diz, para a poder salvar dos horrores da anarchia, e pelos que recorre ao meu auxilio visto que não tem forças sufficientes para defender-se; e sendo certo que os facciosos tem praticado os mais horrosos attentados nos differentes logares por onde andam errantes, devastando tudo, roubando e matando, como ultimamente fizeram na desventurada Villa da Vigia; e sabendo eu

além disto com sciencia positiva que em uma casa mesmo dentro desta Cidade se tratava d'assassinar todos os brancos, injusivamente o sexo feminino; pode V. S.<sup>a</sup> fazer saber ao Presidente desta Provincia que eu lhe darei os soccorros que me pede, quando se verifique a aggressão, porque sei que as casas dos Portuguezes, e as suas pessoas hão de ser os primeiros a que se hão de dirigir. Eu estou muito satisfeito em saber que o Commandante da Corveta Ingleza está deliberado a prestar o mesmo soccorro com a sua guarnição, e estou tambem certo que o Governo de S. M. F. ha de approvar esta minha resolução que não deixa d'estar em harmonia com as instrucções que me foram dadas. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Bordo da Corveta Eliza, surta no Pará, aos 28 de Julho de 1835 = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Gaudencio da Costa, Vice-Consul da Nação Portugueza.

(assinado) *Izidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata Commandante.

## N.<sup>o</sup> 7.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães.

O generoso tratamento, que V. S.<sup>a</sup> tem dado aos Portuguezes, que se tem ido asilar a bordo da Corveta = Eliza = do seu Commando, e a urbanidade, que V. S.<sup>a</sup> e os seus Officiaes tem praticado comigo, e com todos os Portuguezes, durante a nossa estada a seu bordo, são motivos dignos da minha gratidão, e dos meus mais sinceros agradecimentos. Eu estou certo que todos os Portuguezes residentes nesta Cidade, vão dirigir a V. S.<sup>a</sup> expressões sinceras de sua gratidão; no entanto eu me apresso a faze-lo, para communicar-lhe que tudo vai ser presente a Sua Magestade Fidelissima, a Senhora D. Maria Segunda. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Pará 28 de Julho de 1835. = De V. S.<sup>a</sup>, o mais attento venerador, e muito obrigado.

*José Coelho d'Abreu.*

## N.<sup>o</sup> 8.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Ao Sr. Vice-Consul da Nação Portugueza acabo de escre-

ver, convidando-o para assistir a uma Conferencia neste Palacio á uma hora da tarde em bem do Serviço Nacional e Imperial, e do da Salvação Publica, na apurada situação, em que esta Cidade, e o Governo se acham: esperando igualmente os Senhores Vice-Consules das Nações Alliadas, a quem dirigi identico convite, prevenindo o Sr. Vice-Consul da Nação Ingleza de que tambem convidava o Sr. Commandante da Corveta de guerra: assim como ao predito Sr. Vice-Consul Portuguez a respeito de V. S.<sup>a</sup>

Rogo por tanto a V. S.<sup>a</sup>, que me queira fazer a honra de assistir á mencionada Conferencia hoje á uma hora da tarde, no que receberei um distincto testemunho da consideração, com que V. S.<sup>a</sup> attende os interesses de ambas as Nações Alliadas, cuja Conferencia terá logar neste Palacio. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio do Governo, 7 de Agosto de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco de Guimarães, Commandante da Corveta de Guerra Portugueza.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

Presidente.

## N.º 9.

(Circular.) Achando-se a Cidade ameaçada d'uma aggressão contra o actual governo; e sendo de presumir que os Subditos Portuguezes, para evitar qualquer catastrophe, queiram recolher-se ou a bordo desta Corveta, ou dos navios de commercio da sua nação, suttos neste porto, com aquillo, que tiverem de mais precioso: ordeno aos Srs. Capitães dos ditos navios, a que logo que se lhes faça o signal convencionado, mandem as suas lanchas armadas e equipadas, como lhes for possível, a bordo desta Corveta, para receberem as ordens, e partir immediatamente para o logar, que se lhes indicar, a fim de receber as familias, que se lhe apresentarem, e conduzi-las a bordo dos supramencionados navios, onde fiquem em segurança. Espero que os mesmos Srs. Capitães lhes prestem todos os mais soccorros, que necessitarem as ditas familias, como é d'esperar dos principios de humanidade, e daquelles, que tem a fortuna de viver debaixo de um governo livre, e generoso. Bordo da Corveta = Eliza = surta no Pará aos 8 de Agosto de 1835.

*Izidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata Commandante.

## N.º 10.

Ill.º Sr.

Supplico a V. S.ª me não desampare na melhor occasião, pois consta-me que V. S.ª tem dado ordem para a sua gente retirar-se ás seis horas; o que certamente causará grande transtorno. Espero que V. S.ª não deixará de annuir a esta supplica, por ser um grande serviço feito não só á Nação Brasileira, mas até á humanidade. — Deus guarde a V. S.ª — Palacio do Governo do Pará 15 de Agosto de 1835, — Ill.º Sr. Commandante da Corveta Portugueza Eliza.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

N. B. Alguns da sua gente mesmo é quem me tem pedido isto, além de que eu assim tambem supplico.

## N.º 11.

Ill.º Sr.

Tenho a noticiar a V. S.ª que os inimigos vão-se retirando em canoas para fóra, nem menos de tres carregadas d'ellas; já largaram a parte da Cidade, a que os habitantes d'aqui chamam Cidade, coçados pelos nossos; apenas occupam cinco ou seis casas na Capina; a rua da Cadeia está em nosso poder; a nossa gente tem-se emthiasmado, apesar da muita que se tem retirado para bordo, e novamente rogo a V. S.ª faça desembarcar todos os cobardes Brasileiros que se acharem a bordo dos Navios Portuguezes; e se V. S.ª pudesse nesta crize desembarcar 50 homens, persuado-me poder asseverar a V. S.ª que a victoria seria completa, e ficariam descansados os habitantes desta Capital, gozando de repouzo. V. S.ª deu principio á obra, é justo finalize, assim o espero. — Deus guarde a V. S.ª Palacio do Governo do Pará 15 de Agosto de 1835. — Ill.º Sr. Izidoro Francisco Guimarães Capitão de Fragata e Commandante da Corveta Eliza

*Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 12.

Nobre Amigo, e Sr.

Não me é possível espaçar mais tempo sem me dirigir a V. S.<sup>a</sup> a dar-lhe os meus agradecimentos pela valorosa cooperação que das forças do Commando de V. S.<sup>a</sup> recebeu a legalidade nesta infeliz Provincia, aonde, como V. S.<sup>a</sup> tem visto, se ha declarado uma implacavel guerra á côr branca; e suposto muito regosijo me acompanhe pela vantagem tomada sobre o inimigo, do qual seu chefe, o criminoso Antonio Pedro Vinagre faleceu; com tudo uma amarga dôr sinto, por me constar que das forças do Commando de V. S.<sup>a</sup> 26 Soldados, e Marinheiros tem sido mortos, e feridos; perda que lamento sobre maneira, conjunctamente com a que houve na de mais força legal, onde se contam 43, entre mortos, e feridos, inclusivè um Capitão de Fragata, um Capitão Ajudante d'ordens do Governo, e tres Tenentes de Mar, e Terra. Os inimigos, parece que se tem retirado; elles tem deixado em nosso poder algumas peças, e munições, para o que muito concorreu o valor da guarnição da Corveta de V. S.<sup>a</sup>; e eu creio que á vista do valor, e coragem com que experimentaram nossa gente, não tentarão por certo novo ataque; entre tanto cumprindo-me prevenir o caso contrario; e conhecendo que a maior diligencia dos inimigos é tomarem o Trem Militar, tenho diligenciado mandar hoje antes de amanhecer uma força de 50 homens, com uma peça d'artilheria pela rua da Praia a fim de se postar no quartel das Mercês, ou Praça do Commercio, em frente do Theatro, edificio aonde os inimigos se fortificaram; o que acho dever communicar a V. S.<sup>a</sup> para na occasião da marcha não julgar tal força inimiga.

Eu aproveito esta occasião para reiterar a V. S.<sup>a</sup> os meus sinceros votos da mais alta estima, e sou de V. S.<sup>a</sup> com consideração e respeito, obrigado e afeiçoado amigo

*João Taylor.*

Quartel do Palacio do Governo do Pará, em 15 de Agosto  
á 1 hora da madrugada, 1835.

## N.º 13.

Ill.º Sr.

A dura e indispensavel necessidade de todos os esforços e recursos para terminar uma carnificina e roubo, que tem durado 6 dias sem poder oppor-lhe força regular, que a não tenho, e unica causa do estado actual desta Cidade; me faz requisitar a V. S.ª em Nome do Imperador o Sr. D. Pedro 2.º, alguns foguetes de Congreve, que me consta V. S.ª tem a seu bordo, servindo-se mandar quem os saiba dirigir, e afoquear contra a casa do chefe dos Assassinos e Rebeldes, o Eduardo, onde é a reunião geral, donde fazem fogo a este Palacio, e donde não os posso desalojar com quanto lhe tenha feito fogo de artilheria; e no caso de V. S.ª os prestar como confio, e exigem o serviço Nacional Imperial, e a Humanidade, seja quanto antes e hoje mesmo. — Deus Guarde a V. S.ª Palacio do Governo do Pará 19 de Agosto de 1835. — Ill.º Sr. Izidoro Francisco de Guimarães. Commandante da Corveta Portugueza surta neste Porto.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

Presidente.

## N.º 14.

(Circular.) Se os Srs. Capitães dos navios Portuguezes surtos neste porto, tem a seu bordo subditos da mesma nação, fugidos á perseguição, roubo, e barbaridade, que estão praticando em terra os malvados anarchistas, desde o dia 14 do corrente, façam-lhe saber que esta Corveta tem de seguir viagem para Lisboa, no fim da contenda, a qual por certo não estará mui distante, visto que ao governo faltam todos os meios de poder destruir o inimigo, ou oppor-se á continuação das suas barbaridades, e destruição da Cidade. Por tanto aquelles, que quizerem seguir o mesmo destino, podem recolher-se a bordo desta Corveta, onde serão recebidos hospitaleiramente, e onde se lhe distribuirá uma ração diaria, igual em tudo á da guarnição; devendo os mesmos Srs. Capitães remetter uma relação de todos os que tomarem esta deliberação, assinada pelo Sr. Vice-Consul da Nação Portugueza,

certificando que são subditos da mesma nação, sem que por isso todo, e qualquer individuo, seja de que nação for, deixe de ter direito á protecção, e hospitalidade, que em crizes tão dolorosas reclama a humanidade.

Esta Circular será lida em publico a todos os individuos, que estiverem refugiados a bordo dos mesmos navios, para que não possam jámais allegar ignorancia sobre as intenções do Commandante da mesma Corveta, que são as de adoçar quanto lhe for possível, a sorte de tantos infelizes. = Bordo da Corveta — Eliza — surta no Pará, aos 20 d'Agosto. de 1835.

*Izidoro Francisco Guimarães.*

C. de F. Commandante.

## N.º 15.

Ill.me Sr.

Ao meu conhecimento chegou, que V. S.<sup>a</sup> tendo a seu bordo todos os subditos Portuguezes, ou a melhor parte delles, pretendia fazer-se de vella; noticia esta, que profundamente me magoou; porque, diminuindo-me muito a força moral, atrevo-me a pensar, que a continuação da existencia de V. S.<sup>a</sup> neste Porto, em quanto a conserva, e me habilita a dirigir minhas operações ao abrigo dessa mesma força, não arrisca, segundo creio, em cousa alguma os subditos de S. Magestade Fidelissima, porque este mesmo intento em que se me diz V. S.<sup>a</sup> está, a continuarem os seus motivos poderá verificar-se então em occasião mais conveniente, quando veja que nada ha a esperar-se da salvação da Provincia, em cuja hypothese não estamos, mormente porque devo crer que com a chegada do Paquete ao Maranhão o Presidente fará marchar o contingente, que anteriormente me noticiara ficar arranjando.

Em presença pois desta exposição a que seu prudente e discreto conselho não pode deixar de dar-lhe a gravidade que importa; e com quanto eu não possa acreditar semelhante noticia; requisito a V. S.<sup>a</sup> em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro 2.<sup>o</sup>, e da mesma humanidade a continuação da presença da Corveta do seu Commando, na convicção em que estou que não compromette o Serviço de Sua Augusta Soberana, nem a existencia de seus leaes subditos. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio do Governo no Pará, 20 de Agosto de

1835. = Ill.mo Sr. Izidoro Francisco Guimarães, Commandante da Corveta de Guerra Portugueza = Eliza = surta neste Porto.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 16.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Nunca foram, nem são as minhas intenções deixar este porto, sem ver terminar a desgraçada luta, em que V. Ex.<sup>a</sup> se acha, e ainda hoje mesmo eu acabei de fazer saber isto officialmente a todos os Subditos Portuguezes.

Algumas ordens, e essas mui positivas, que tenho dado para que os navios Portuguezes se ponham em estado de deixar este porto quando aconteça a desgraçada crise de ver-se V. Ex.<sup>a</sup> obrigado a retirar-se, é o que tem feito crer a muitos que eu pretendo fazer-me á vellã, antes do tempo, que digo a V. Ex.<sup>a</sup>

Tendo eu considerado desde principio esta causa como causa da humanidade, tomei a resolução de deffende-la até o ultimo instante, e o que até aqui tenho feito não o quereria ver perdido, abandonando a V. Ex.<sup>a</sup>, sem ver o resultado da contenda.

Permitta o Ceo que os exforços, que V. Ex.<sup>a</sup> tem feito, e está ainda fazendo para pôr termo a esta horrivel scena, tenham o resultado de poder salvar esta Cidade abismada já em ruinas, e mortes. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Bordo da Corveta Eliza surta no Pará aos 20 d'Agosto de 1835. Ill.mo e Ex.mo Sr. Manuel Jorge Rodrigues, Presidente da Provincia do Gran-Pará.

*Izidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata Commandante.

## N.º 17.

Ill.mo Sr.

Bastante lisongeira é para este Governo a resposta, que V. S.<sup>a</sup> acaba de dar ao meu Officio, em que requisitei em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro 2.º, a continuação

da presença da Corveta do seu Commando neste Porto, attenta a fatal crise em que esta Cidade se acha desde o dia 14, ameaçada do abismo, que importa a perda da Provincia inteira, por isso que a força moral, que V. S.<sup>a</sup> dá a este Governo em mui sabido grau suppre a falta da regular, que me falta, e que é a unica causa da continuação de um ataque, pertinaz feito com um systema de cobardia e traição a coberto das immensas estacadas dos quintaes, e dentro das casas que os Rebeldes penetram.

E' pois um preciso dever deste Governo, dár a V. S.<sup>a</sup> os agradecimentos por um procedimento, que muito deve ser agradavel a S. M. Imperial, porque com elle apparece a boa intelligencia, e nobre harmonia com que a Illustre e Brava Nação Portugueza mantém com a Nação Brasileira laços de amigavel fraternidade; agradecimentos, que eu ousou dár no Imperial Nome de S. M. por que decididamente valem um importantissimo serviço ao Brasil.

Em quanto pois deste modo respondo a V. S.<sup>a</sup>; cumpre-me assegurar em testemunho do meu particular respeito á sua pessoa, que no caso do extremo que V. S.<sup>a</sup> pondera em vista do meu Officio, de chegar a crise de eu deixar a Cidade, não o faria sem me dirigir a V. S.<sup>a</sup> pedindo-lhe a honra de uma vizita por isso que eu o não posso fazer. Concluo, rogando a V. S.<sup>a</sup> de aceitar com bondade os meus mais firmes respeitos pela nobreza de sentimentos verdadeiramente Portuguezes, que reluzem nas estimaveis expressões com que V. S.<sup>a</sup> não canga de mostrar, que pertence a uma Nação tão distincta e assinalada. — Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio do Governo do Pará 20 de Agosto de 1835. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco de Guimarães Commandante da Corveta Portugueza surta neste Porto.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

**N.º 18.**

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

E' forçoso, que este Governo recorra a V. S. requisitando-lhe, a bem do Serviço N.<sup>o</sup> e Imperial, e da humanidade, que V. S.<sup>a</sup> tem tão nobremente tomado a peito, um reforço de 20 Praças diariamente para este Palacio somente de noute, devendo estar aqui ás 6 da tarde pouco mais, e podendo em

barcar ás 6 da manhã, visto que este Palacio se acha sensivelmente diminuido de forças, assim pela gente que se tem dado aos Pontos occupados, como pela que tem desamparado este Governo; recurso este que a prudencia justifica, porque hoje deste Palacio foram vistos soltar ao ar da casa do Eduardo 2 foguetes, que não podem deixar de ser um sinal, talvez do ultimo arranco. Ao Chefe previno de recorrer a V. S.<sup>a</sup> de minha parte, caso não possa elle dar este reforço em cujo caso só V. S.<sup>a</sup> então se dignará presta-lo, como devo confiar. = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio do Governo do Pará, 21 d'Agosto de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco de Guimarães, Commandante da Corveta de Guerra Portugueza.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 19.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Como saiba, que V. S.<sup>a</sup> vai fazer-se de vela, saíndo deste Porto; é meu dever tributar-lhe um testemunho de minha respeitosa gratidão aos serviços, que V. S.<sup>a</sup> tão illustremente prestou á Nação, e a S. Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro 2.<sup>a</sup> nesta crise tão fatal, que V. S.<sup>a</sup> presenciou. Não é menos dever meu assegurar no meu particular a alta estima, que tenho pela Pessoa de V. S.<sup>a</sup> a quem protesto a mais distincta consideração. Permitta-me V. S.<sup>a</sup>, que devolvendo-lhe o seu incluso officio por assinar, lhe rogue de querer ter a bondade de o firmar com sua assinatura, por me convir muito este titulo do conceito, que V. S.<sup>a</sup> faz das causas do desastroso resultado de 9 dias da vigorosa defeza aos ataques dos Rebeldes, por quanto julgando facil esquecimento, pelos muitos afazeres de V. S.<sup>a</sup>, daquella assinatura é impossivel, que me seja indifferente pela importancia, que dou aos juizos, e opinião de V. S.<sup>a</sup> = Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Bordo da Fragata Campista 24 de Agosto de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco de Guimarães, Commandante da Corveta de Guerra Portugueza.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 20.

Ill.º Sr.

Por occasião de officiar hoje ao Presidente desta Provincia sobre diversos objectos de serviço, fiz-lhe saber que a minha demora neste porto (fazendo todos os sacrificios) senão podia estender a mais do que até ao fim da semana, que entra; porque tenho apenas mantimentos para trinta dias, e estes com um terço de ração diminuida. Assim é preciso que V. S.ª fique nesta intelligencia, e que faça esta communicação aos nossos navios do Commercio, para que tomem com tempo as medidas, que lhes parecerem mais convenientes para qualquer destino que tenham a seguir. Os inimigos augmentam todos os dias os seus recursos para continuar a guerra, e ao Presidente vão-lhe faltando todos, como elle proprio confessa nos seus officios. Por tanto que ha a esperar! Os Portuguezes estão todos embarcados, e a meu bordo tenho já perto de 200, que seguem para a Europa. Tenho feito quanto tenho podido, e creio que nada mais me resta a fazer. Todas as minhas embarcações se tem achado, e acham ainda hoje occupadas em salvar gente, e fazendas, e muitas tem salvado; e pouco mais se poderão occupar neste serviço, porque os inimigos estão a ponto de se assenhorearem dos logares do embarque. Se a V. S.ª lembra que eu tenho a fazer mais alguma coiza, indique-mo, por que a nada me pouparei para tornar menos desditosa a sorte de tantos infelizes. = Deus Guarde a V. S.ª Bordo da Corveta Eliza surta no Pará aos 22 d'Agosto de 1835. = Ill.º Sr. Francisco Gaudencio da Costa, Vice-Consul da Nação Portugueza na Provincia do Gran-Pará.

*Izidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata, Commandante.

## N.º 21.

Ill.º e Ex.º Sr.

Amanhã hei de partir para a Europa, penalizado de ser o emissario da nova dos desastrosos successos desta Provincia, e o conductor de 200 infelizes, que perdendo toda a sua fortuna, leyam apenas a vida para dizer aos seus compatriotas

a historia de tantos crimes, tantas traições, e tantas perfidias. Eu deixo a V. Ex.<sup>a</sup> com uma viva saudade, e com o pezar de não poder continuar a prestar a V. Ex.<sup>a</sup> e á Causa do Brasil os meus pequenos serviços. Eu sou uma fiel testemunha das virtudes, coragem, e sangue frio, que V. Ex.<sup>a</sup> desenvolveu no meio dos maiores perigos, e das mais crueis amarguras. Não é possivel fazer mais, e a conducta de V. Ex.<sup>a</sup> nesta época é um modelo d'honra, e de bravura. Por agora só me resta pedir a V. Ex.<sup>a</sup> as suas ultimas ordens, e ao Ceo que corôe de felizes resultados todos os esforços, que V. Ex.<sup>a</sup> ainda faz para livrar esta Provincia do abismo da desgraça, em que se acha submergida. = Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Bordo da Corveta Eliza surta na Tetuoca aos 25 d'Agosto de 1835. = Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel Jorge Rodrigues, Presidente da Provincia do Gran-Pará.

*Izidoro Francisco Guimarães.*

Capitão de Fragata, Commandante.

## N.º 22.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Em cumulo da amargurada situação, em que me acho, recebo o officio de V. S.<sup>a</sup>, que noticiando-me a sua saída para Lisboa amanhã; me faz sentir uma falta « mui sensivel » da cooperação de uma pessoa de tanto merito e conceito como V. S.<sup>a</sup>, que em quanto não saía da linha de suas instrucções me facilitava um recurso em suas luzes, e com quanto V. S.<sup>a</sup> me honre muito, e em extremo me lisonjee com as expressões, que comigo se dignou despender; esta gloria, que aprecio, é bem assombrosa com a auzencia de V. S.<sup>a</sup> Contudo é superior á minha expressão a valor, que dou á opinião, e conceitos de V. S.<sup>a</sup> sobre a minha conducta, assegurando, que entre bastante amargura tenho a vantagem de colher este titulo precioso. Em quanto deste modo agradeço a V. S.<sup>a</sup> o seu officio, não me penaliza menos a sorte dos 300 infelizes subditos Portuguezes, que perdendo suas fortunas, poderam apenas salvar a vida; e se pode dar consolação á sorte de milhares de companheiros, resta-me a tranquillidade da minha consciencia, que todos confessarão, que não estive em minhas mãos impedir seu fado, e que por 9 dias sustentei uma defeza na illusão da chamar á ordem, ao brio, e á co-

ragem aquelles, que desde muitos dias me abandonaram. Concluirei assegurando mais a V. S.<sup>a</sup>, que são tão graves, e distinctos os notorios serviços, que V. S.<sup>a</sup> prestou ao Brasil, que eu faço um dever de os levar ao alto conhecimento da Regencia em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro 2.<sup>o</sup>, e que as casas dos Estrangeiros foram violadas, e elles forçados por isso a saírem da Provincia. Rogo pois a V. S.<sup>a</sup> de receber estes sentimentos, que minhas expressões demonstram, e de conceituar a distincta estima com a qual eu me interesso pela feliz viagem de V. S.<sup>a</sup>, e de seus illustres Passageiros a quem de-sejo a melhor fortuna, e presinto, que poderão ainda voltar com segurança a diligenciar do melhor modo seus interesses. — Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Bordo da Fragata Campista surta em frente da Barra no Pará 25 de Agosto de 1835. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães, Commandante da Corveta de Guerra Portugueza Eliza.

*Manuel Jorge Rodrigues.*

## N.º 23.

Nós abaixo assinados os Subditos Portuguezes residentes na Cidade, e Provincia do Gran-Pará, fugidos á cruel, e feroz persiguição feita pelos Tapuios, Negros, e Cafuzes, contra toda a qualidade de brancos.

Attestamos, debaixo da nossa palavra de honra, que dirigindo-nos a bordo da Corveta »Eliza» que commanda o Sr. Capitão de Fragata Izidoro Francisco Guimarães, fomos por elle generosa e gratuitamente recebidos, para ser conduzidos a Portugal, distribuindo-se-nos uma ração diaria, igual em tudo á da guarnição: fazendo-nos mais o dito Sr. Commandante todo o bom agasalho, e o melhor tratamento, segundo as circumstancias permittiam. E por ser verdade assinamos o presente. Bordo da Corveta »Eliza» surta na Bahia de S. José, no Pará, aos 27 d'Agosto de 1835 — ( *Seguem-se 136 assinaturas* )

## N.º 24.

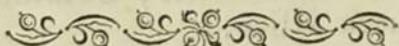
Nobre Amigo e Sr.

Tendo recebido a estimadissima carta que V. S.<sup>a</sup> acaba de me dirigir, e pela confusão em que me acho com todos os

navios cheios de innumeraveis familias, não posso dar mais longa resposta, senão que saudoso fico pela retirada de V. S.<sup>a</sup>, a quem protesto inalteravel estima: igualmente faço nesta occasião conduzir para bordo da Corveta do commando de V. S.<sup>a</sup> dous bois, para os feridos, não podendo ser mais largo, attentas as circumstancias, pois perto de seis mil pessoas que hoje sustento com os mantimentos dos Navios, estão a menos de meia ração; a desgraça é geral, como V. S.<sup>a</sup> sabe; mas não me restam remorços de ter desprezado meio algum para a evitar. — Sou de V. S.<sup>a</sup> com consideração, e estima, Amigo obrigado e attento Venerador.

*João Taylor.*

F. Campista. Pará 25 d'Agosto del835.



CONTADORIA GERAL DA MARINHA 28 DE DEZEMBRO DE 1835.  
5.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO 1.<sup>a</sup> SECÇÃO.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Examinaram-se nesta Repartição os documentos relativos ao emprego dos saques, que V. S.<sup>a</sup> fez sobre o Cofre da Marinha, na sua ultima Commissão ao Pará, e achando os calculos exactos; as quantias pagas devidamente lançadas no Livro dos soccorros; e o material comprado carregado em receita do Commissario, remetto a V. S.<sup>a</sup> um extracto da sua conta corrente, pelo qual V. S.<sup>a</sup> fica quite das sommas constantes da mesma conta. — Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Izidoro Francisco Guimarães Capitão de Mar e Guerra.

*Joaquim José Falcão.*

Contador Geral da Marinha.

### PROTESTO

*Que fazem os Negociantes estabelecidos no Pará, contra o Governo central do Brasil, pelas perdas, e damnos, que acabam de soffrer, nos desditosos successos de quatorze de Agosto corrente, e seguintes dias.*

Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo, aos vinte dias do mez de Agosto de mil oitocentos trinta e

cinco, nesta Cidade de Santa Maria de Belém do Gran-Pará, e a bordo da Corveta » Eliza » de que é commandante, o Capitão de Fragata Izidoro Francisco Guimarães, destinado pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima para protecção dos Subditos Portuguezes, residentes nesta Provincia, e Cidade, se reuniram os Negociantes abaixo assinados, e o Vice-Consul em nome de todos os mais Portuguezes, que tem fundos nesta Provincia, ou seus, ou de commissão, para protestarem, como com effeito protestam, contra o Governo central do Brasil, por todas as perdas, e damnos, que acabam de soffrer, em todos os seus bens, e propriedades, em rasão da barbara, e cruel invasão dos Tapuios, Negros, e Cafuzes, nesta Cidade, no dia 14 do corrente, pondo a Cidade a saque, e durando este, já sete dias, sendo preciso aos abaixo assinados, e a todos os mais subditos Portuguezes, para salvar suas vidas, lançar mão das armas, unidos a uma parte da guarnição da mesma Corveta, que desceu á terra para cubrir as praias, e defender o logar do embarque, e sem o que elles, e innumeraveis familias teriam sido victimas da ferocidade dos invasores, que não poupam pessoa alguma, nem sexo, nem idade, sendo causa de tantas desgraças, e da perda mesino desta bella Provincia, sómente o Governo central do Brasil — 1.º porque conhecendo perfeitamente desde 1833, o estado anarchico, e revoltoso desta Provincia, e a necessidade de uma força respeitavel para conter os facciosos, principalmente depois dos successos de Janeiro e Fevereiro do anno proximo preterito, se contentou sómente de mandar um Presidente e Commandante de Armas, dando-lhe apenas sete Soldados e um Sargento, e uns poucos de Navios de Guerra com as guarnições incompletas, mal disciplinadas, a maior parte estrangeiros, e sendo necessario ao Presidente vir de Provincia em Provincia, pedindo esmolas de tropa, sem a poder encontrar, senão no Maranhão, e no pequeno n.º de 100 Soldados uteis; — 2.º porque aos abaixo assinados senão fez aviso previo do estado de fraqueza, em que se achava a Provincia, para elles poderem com tempo embarcar, suas fazendas, e o que tivessem de mais precioso; — 3.º porque o mesmo Presidente confessa no officio, que dirigiu ao Commandante desta Corveta, em data de 19 do corrente, *que a Cidade se acha neste miseravel estado, por falta de força regular, para se oppor aos inimigos*; — e 4.º finalmente por senão terem procurado meios de salvar a Cidade e Provincia, e garantir as pessoas, tanto nacionaes como estrangeiras, como é marcado na mesma Constituição Brasileira.

Sobre todos estes fundamentos appoiam os abaixo assinados, os seus protestos, para haver do dito Governo central o ressarcimento de todas as perdas, e danos soffridos por esta invasão. E como pôde ser que pela fórma de direito commercial faltem algumas formalidades para tornar valioso este Protesto, os abaixo assinados os dão por suppridas, obrigando-se a reduzi-lo á verdadeira fórma pelas Autoridades competentes, logo que chegem a qualquer porto dos Dominios de Portugal, para ter a devida validade. E eu Constantino Xavier da Silva Freire, Escrivão desta Corveta, por ordem do Sr. Commandante da mesma, subscrevi este Protesto, a que fui presente. Bordo da Corveta, Elisa, surta no Pará 20 de Agosto de 1835.— *Constantino Xavier da Silva Freire, Escrivão.* — *Francisco Gaudencio da Costa, Vice-Consul.* — (*Seguem-se as mais assinaturas dos Negociantes residentes naquella Provincia.*)

#### DECRETO.

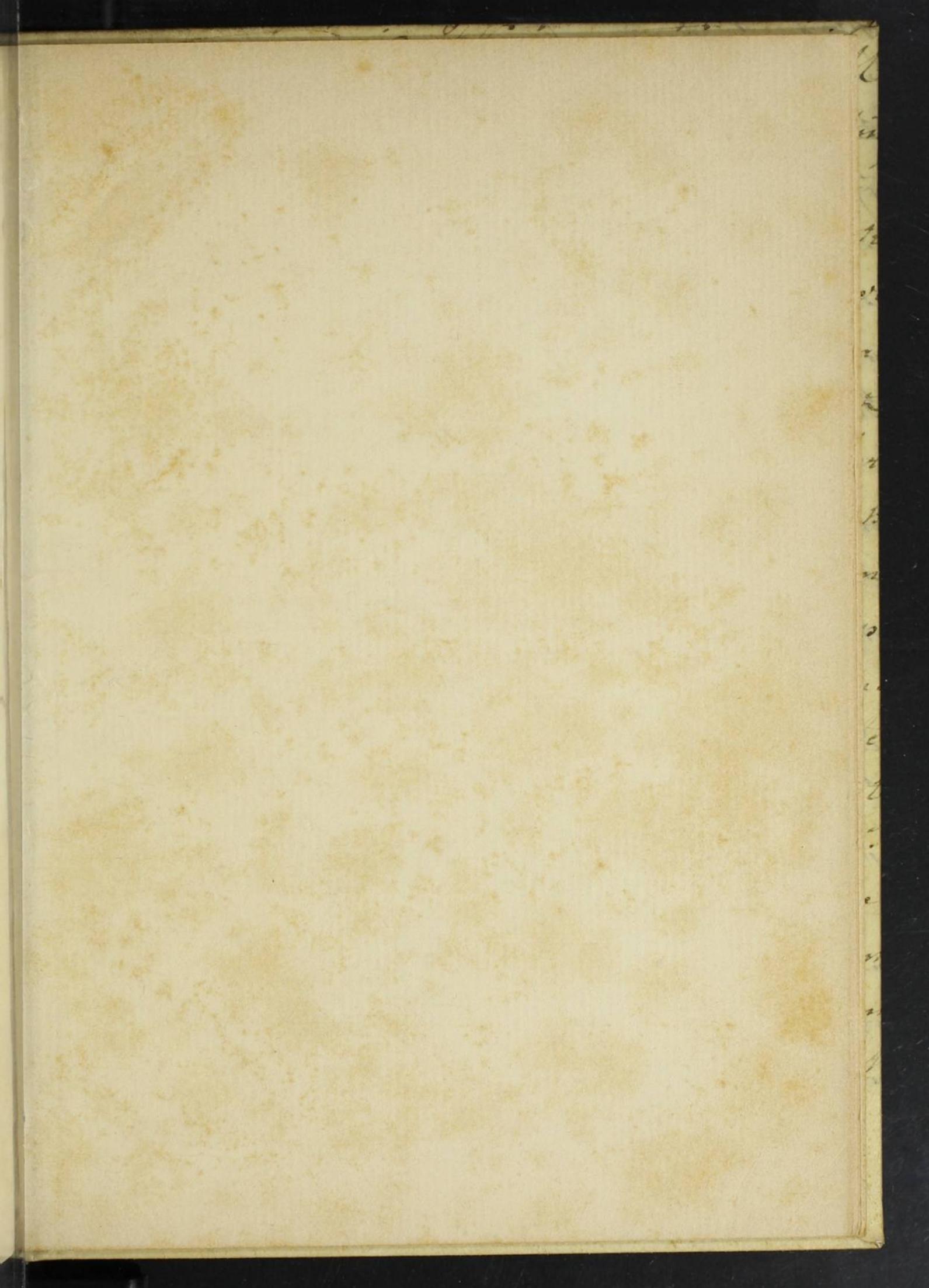
Attendendo aos serviços prestados na Cidade do Pará pelo Capitão de Fragata Izidoro Francisco Guimarães, Commandante da Corveta „Elisa„ que alli Fui Servido Mandar, para auxiliar os Subditos Portuguezes residentes n'aquella Provincia, Commissão, que o referido Capitão de Fragata desempenhou muito a Meu Contento, não só cumprando as Instrucções que Eu lhe havia Mandado dar, mas ordenando, e pondo em pratica todas as providencias extraordinarias, que as circumstancias demandavam para a levar a effeito, salvando por meio de um vivo fogo da sua guarnição contra os Sublevados todos os Portuguezes, e mais individuos, que podia recolher a seu bordo: Hei por bem e na conformidade do Artigo Segundo da Carta de Lei de quinze d'Abril do corrente anno, Promover o dito official ao Posto de Capitão de Mar e Guerra. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha, e do Ultramar, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em vinte e um d'Outubro de mil oitocentos trinta e cinco.

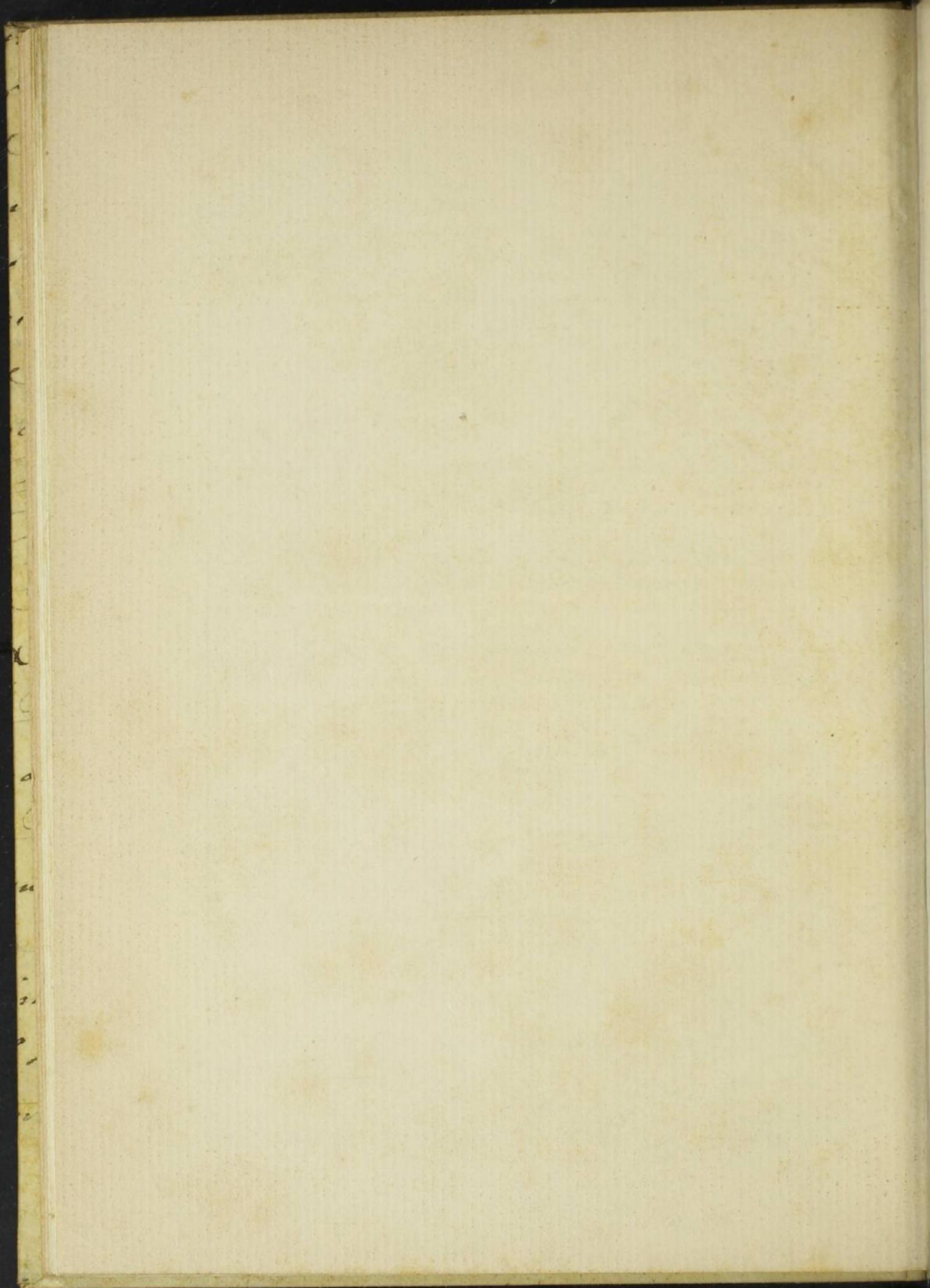
RAINHA.

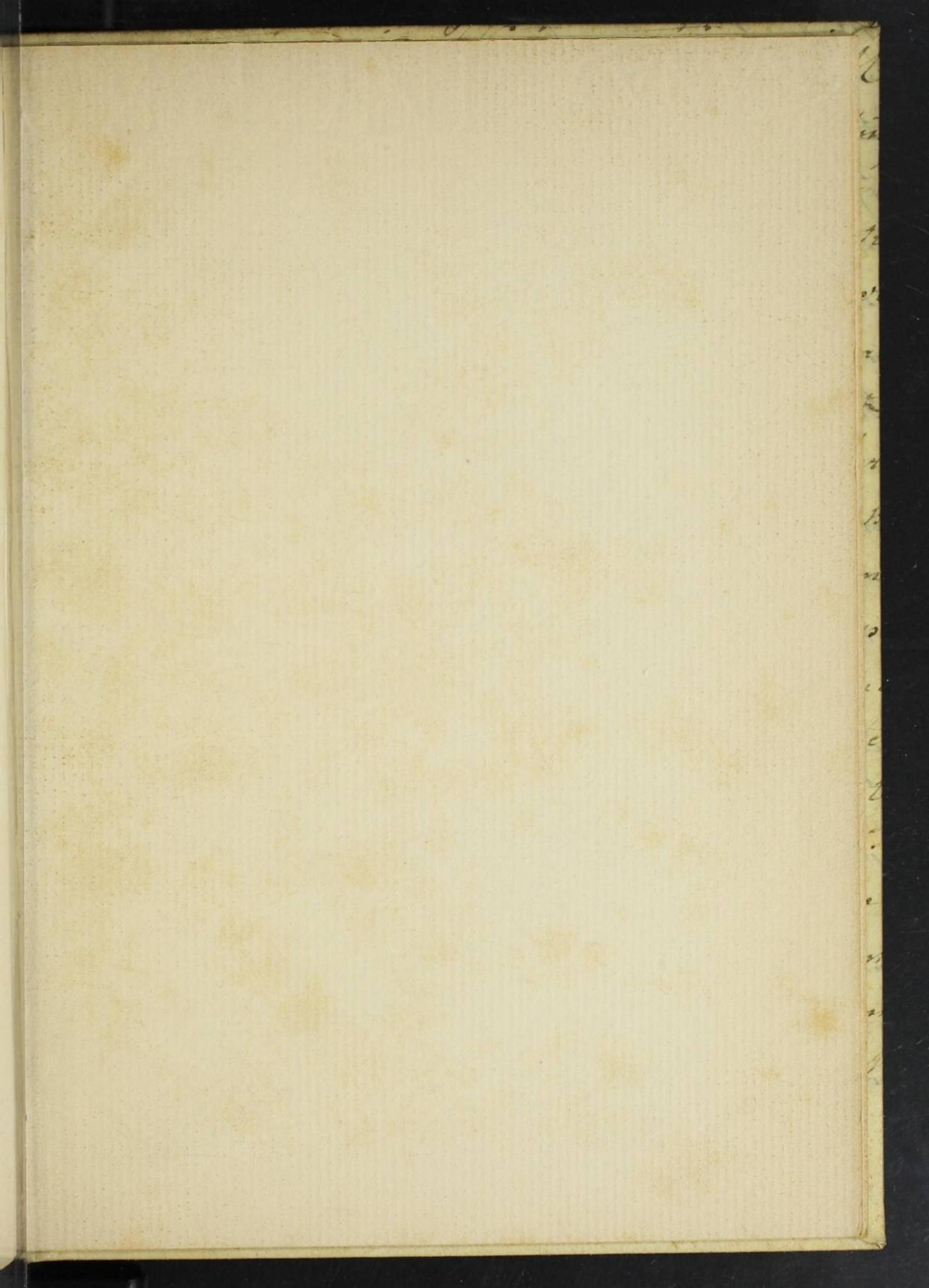
*Antonio Aluizio Jerves d'Atouguia.*

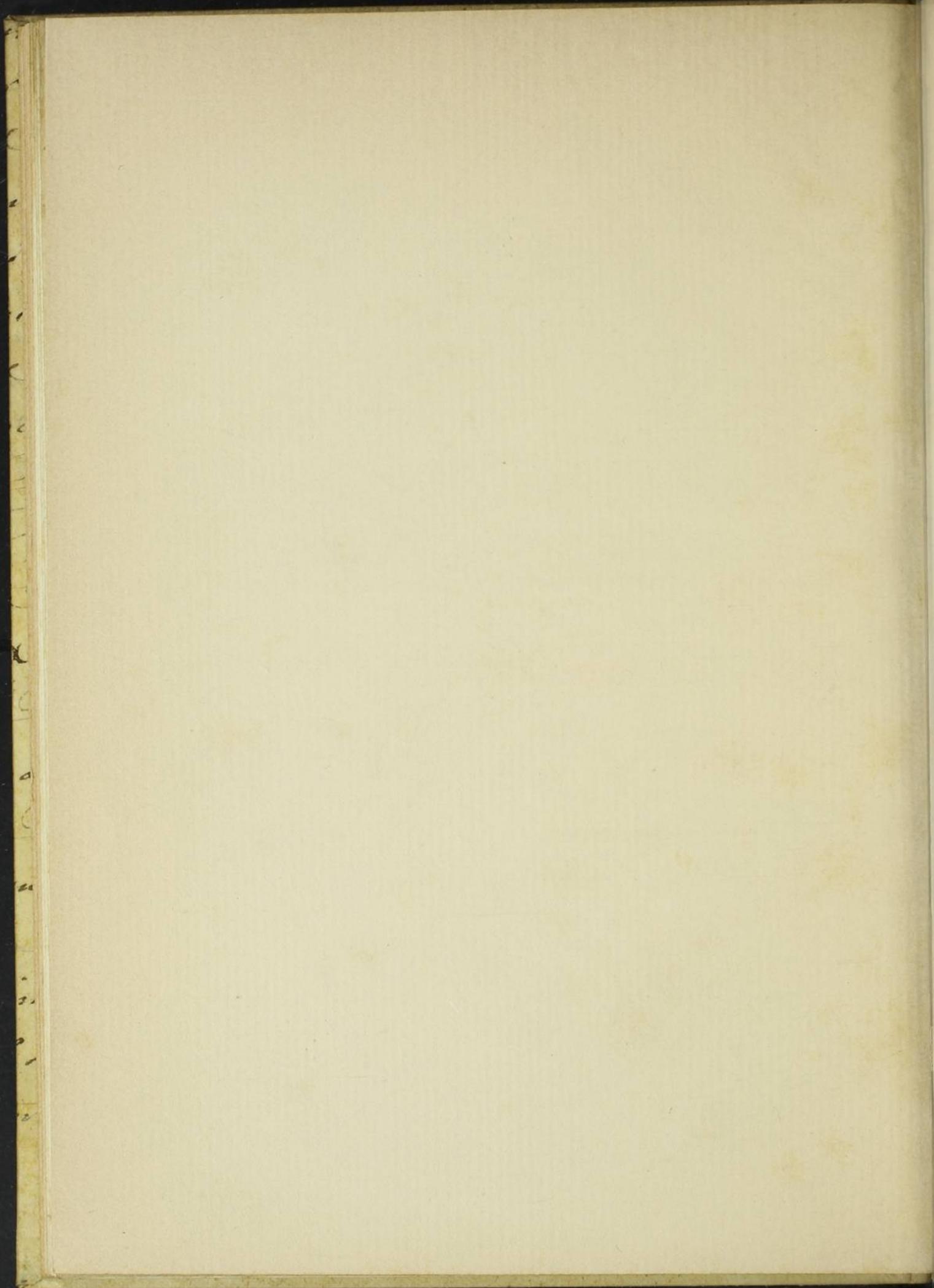
Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar em 23 de Outubro de 1835.

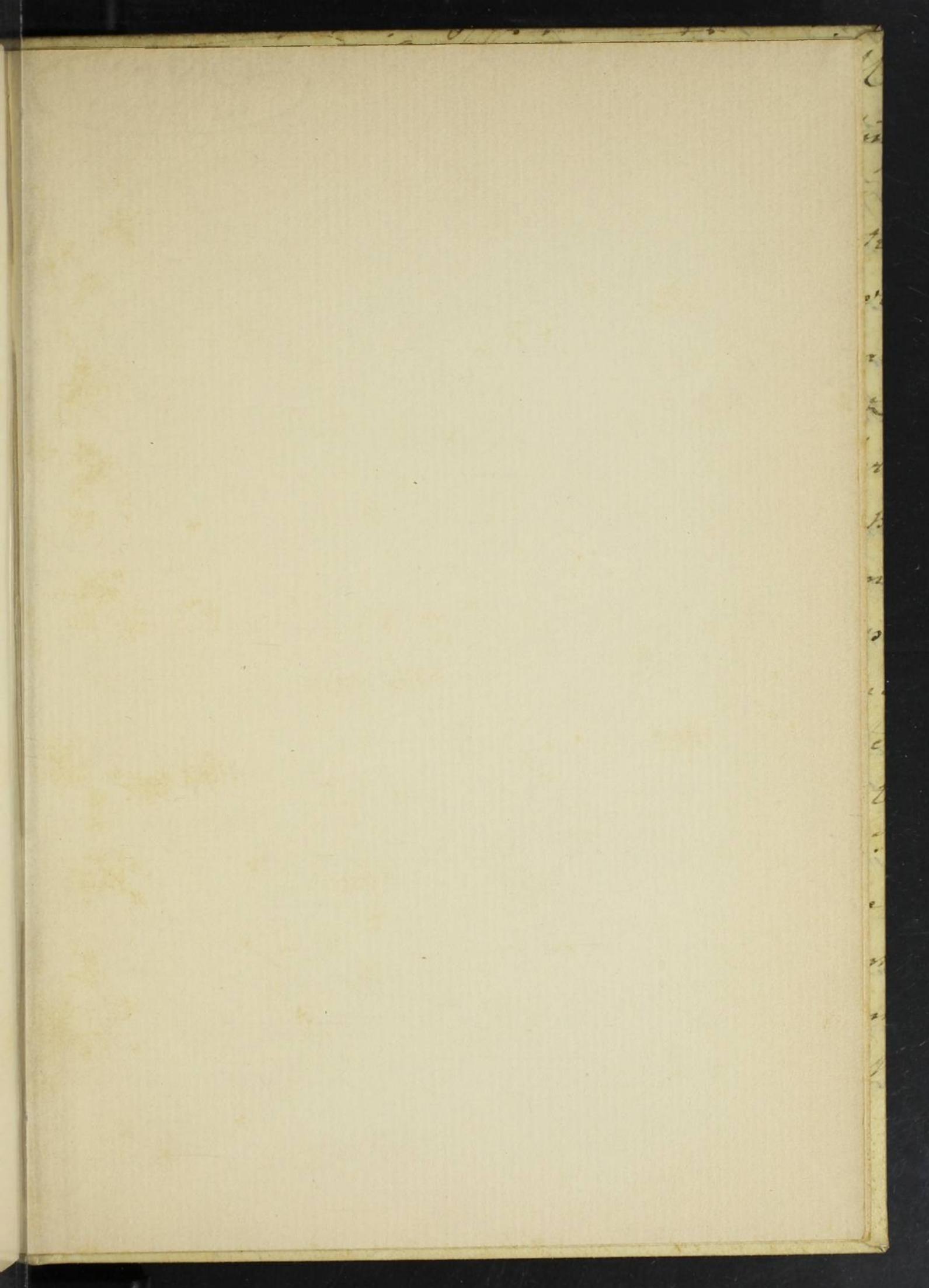
*Antonio Jorge d'Oliveira Lima.*



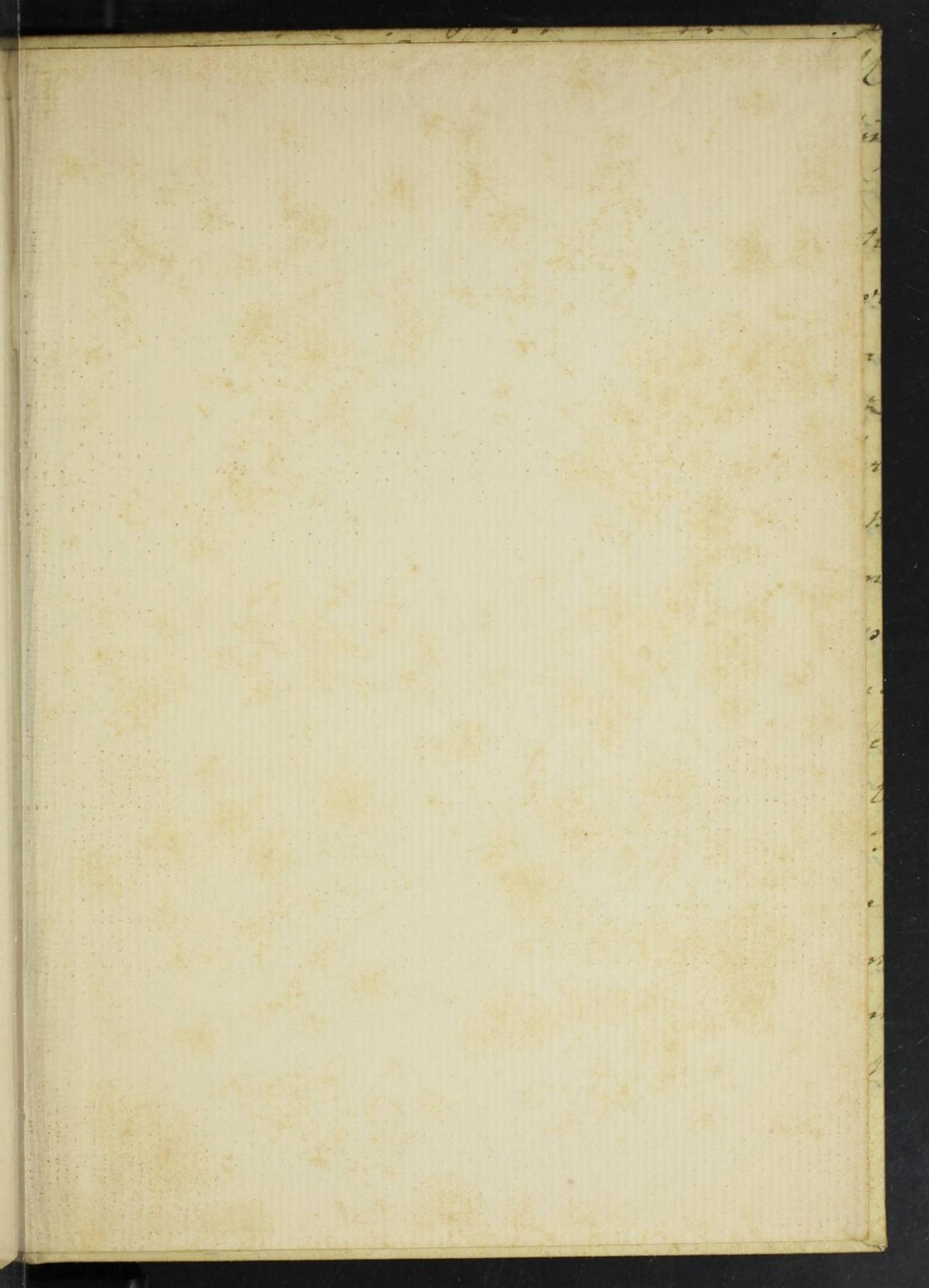








010498



Michel Delacour comment main  
de la seigneurie ou opposition formée par  
celle de Madame Verite  
de la main de Mademoiselle  
incurant à Montreuil et No  
et à Paris. Que en premier  
sous par exploit de Royer  
en date du vingt huit  
de Mai dernier, ensemble  
ciations et contre dénonciations  
positions.

de la somme ci dessus faite  
Madame Verite d'une somme de  
francs payés aux sieur et dame  
Royer d'avance par divers locataires  
du premier numéro si.

seigneur et Madame Verite s'obligent à  
et Royer savoir :

Monsieur Daillant pendant le